

VASCO LUÍS CURADO

O país fantasma

ROMANCE

A odisseia de duas famílias em Angola
entre os massacres de 1961 e a ponte aérea de 1975



D. QUIXOTE

*Para os meus pais e os meus irmãos, que há vários anos
desenham o mapa de um país fantasma.*

Este reino é uma grande loba que tudo devora.

FRANCISCO SOUZA COUTINHO,
GOVERNADOR DE ANGOLA (1771)

Índice

Luanda e Uíge, 1961	13
Moçâmedes, 1956-1961	65
Uíge, 1961-1964	127
Gabela, 1964-1974	173
Gabela e Luanda, 1975	243
Malange, 1975	397
Nova Lisboa, 1975	423
Lisboa, 1975	461
Epílogo	493

Luanda e Uíge, 1961

Feitos poucos quilómetros na estrada em direcção a Caxito, o alferes Capelo viu pela primeira vez embondeiros e palmeiras, os extensos capinzais, as lagoas pantanosas sobreoadas por bandos de pássaros, as lavras onde pequenos agricultores africanos cultivavam mandioca, milho, ginguba, abóbora e feijão, e mais adiante um rio com águas barrentas.

A chegada das primeiras tropas enviadas por Lisboa ainda iria demorar semanas. A companhia saíra de Luanda e avançava para os lugares massacrados, em coordenação com o resto de um batalhão eventual.

Ao fim do dia, o comandante, capitão Tolentino, mandou que parassem numa sanzala deserta, para aí dormirem. O espaço em volta era amplo e aberto, permitia ter uma visão à distância. Acamparam em círculo de modo a que as viaturas ficassem estacionadas em posição de defesa. Dois aviões da Força Aérea sobrevoaram-nos até ser noite.

Caía um cacimbo pesado quando foi servido o jantar, a primeira e última refeição quente do dia: grão com arroz e pedaços de chouriço. Os soldados formaram uma fila diante das mesas articuladas em que o soldado cozinheiro dispusera os recipientes de ferro. Alguém trouxe uma garrafa de *brandy*, que regou algumas marmittas. A comida quente e o *brandy* geraram conversas animadas.

Sentado sobre uma pedra, a comer da sua marmita, o alferes Capelo sentiu uma vaga de odores fortes vinda do mato. Não

saberia dizer se era o resultado de mortes naturais ou violentas, mas passou a sentir uma náusea quando olhava para essa vegetação densa que preferiria ter conhecido noutras circunstâncias, sem ter de pensar em morte e putrefacção. Perdeu o apetite e fechou a marmita.

Às dez da noite deitaram-se. Quem não tinha um cobertor recorria a panos de tenda. Houve quem fizesse a cama debaixo dos veículos ou em cima de esteiras. A metralhadora *Breda*, assente num tripé, foi instalada atrás de um monte de pedregulhos e um furriel deitou-se ao seu lado.

Cansados dos muitos quilómetros percorridos em condições desgastantes, todos cederam ao sono, confiando nas sentinelas que, a intervalos regulares, acendiam os faróis dos carros e iluminavam uma faixa de terreno em volta. Os nervos em alerta das sentinelas faziam ecoar dentro dos cérebros insones os ruídos do mato. Um tropel de passos no escuro é a corrida de um porco-bravo ou um grupo de guerrilheiros em assalto? O estalar de galhos é provocado pelo passo furtivo de um antílope ou pelo rastejar de alguém? Aquelas luzes que oscilam nos arbustos são dos pirilampos ou das lanternas de mão dos atacantes?

O acampamento inteiro acordou quando a noite foi estilhaçada pela metralhadora *Breda*, que despejou os seus carregadores, juntando-se-lhe os disparos das armas das sentinelas dispostas em círculo. Dir-se-ia um fogo-de-artifício que se propagou por um circuito preparado. Todos correram a pegar em armas. Falso alarme. A sentinela vira apenas um gato selvagem que dera um pulo do topo de uma árvore para o chão.

Capelo deambulou pelo acampamento. Trocou palavras em voz baixa com outros que também ficaram com o sono estragado. Viu sentinelas a dormir: seriam os primeiros a sucumbir se o inimigo fizesse um ataque bem organizado. A Lua não era um círculo nítido no céu, mas uma mancha deformada pelo nevoeiro, um signo maldito que flutuava sobre os homens.

As sentinelas tornaram a acender os faróis das viaturas, fazendo aparecer uma muralha de luz à volta do acampamento, e o alferes

olhou para o fundo do terreno à sua frente, que ia dar à floresta. Que olhos os espreitariam dali? A única coisa que as trevas enviavam para invadir a luz eram besouros gigantesco, zunindo com as quatro asas abertas e vindo embater contra os faróis.

2

A companhia chegou a Carmona, sede do Uíge, a quatrocentos quilómetros de Luanda, a meio da manhã do dia seguinte. Centenas de plantações do distrito encontravam-se destruídas. A capital do café, cidade pioneira por onde se escoavam milhares de toneladas e milhões de contos por ano, cheia de comércio e actividade, estava paralisada. A guarnição militar era formada por uma companhia indígena de caçadores, cento e vinte homens, trinta dos quais europeus. O comandante da guarnição recebia inúmeros apelos angustiados por rádio e não podia atender a todos. Os seus homens iam em missão a Quitexe e a Zalala e a fazendas atacadas. Traziam carros cheios de sobreviventes e cadáveres. Logo na primeira manhã, encontraram duas crianças brancas a brincar junto a uma picada que não sabiam que a mãe jazia morta a poucos metros.

Tinha havido uma tentativa de ataque à cidade, uma noite, mas a população, sabendo do sucedido na vizinha povoação do Quitexe, conseguira matar muitos atacantes e pôr os restantes em fuga. Se a sorte tivesse sido outra, os enfermeiros do hospital já estavam preparados para envenenar os doentes internados, evitando que fossem chacinados.

Os militares recém-chegados ficaram surpreendidos ao ver que cada pessoa, habitante da cidade ou refugiado das fazendas e povoações próximas, tinha a sua carabina, espingarda ou pistola. A maioria perdera alguma coisa ou alguém. Andavam com a espingarda a tiracolo, comiam com a arma pousada ao lado, dormiam com ela. Faziam marcas na coronha da espingarda; uma por cada rebelde que abatiam. Davam à cidade um ar de *far west* e já se usava o trocadilho: *far-Uíge*. Carmona parecia uma

praça de guerra, com barricadas, casas transformadas em fortins, postos de observação, patrulhamento das ruas, sentinelas. Continuavam a chegar refugiados de plantações que queriam integrar as milícias e tinham ao seu dispor todos os transportes válidos. Grupos civis, mal armados, entravam no mato até às zonas atingidas e regressavam com notícias de destruições e mortes. Havia muita raiva e exaltação. Calculava-se em oitenta mil o número de negros que rodeavam Carmona, como se estes fossem todos assassinos em potência e não houvesse, escondidos no mato, tantos deles com medo das milícias. E com boas razões para isso, já que muitos dos milicianos praticavam represálias brutais. Queriam saber quem tinham sido os cabecilhas da rebelião, qual o grau de comprometimento dos sobas das aldeias vizinhas, os contactos estabelecidos com os negros da própria cidade, os planos para novos ataques.

Estes milicianos já tinham cometido actos violentos e injustos contra a população negra e continuariam a fazê-lo, mas os militares, que achavam que a força só devia ser empregue na proporção da ameaça e de preferência só por eles, descobriram que era inútil exortar à calma aqueles que tinham visto matar irmãos, filhos e pais, que haviam presenciado degolações e esquartejamentos, que encaravam cada negro como um terrorista.

Os habitantes de Carmona estavam indignados porque as armas encomendadas em Luanda ainda não tinham chegado. Nas incursões pelo mato, haviam prendido angolanos vindos do ex-Congo Belga. Faziam rondas até de madrugada, com as armas nas mãos e os olhos raiados de sangue pelas muitas vigílias.

Cinco fazendeiros que queriam regressar às suas propriedades juntaram-se à companhia do capitão Tolentino. Conhecedores do terreno, percebendo alguma coisa das línguas nativas porque ali viviam há muitos anos ou ali tinham nascido, poderiam servir de guias fora dos itinerários principais.

De Carmona ao Negage, os cinquenta e dois quilómetros fizeram-se em boa estrada, entre morros e vales revestidos de vegetação densa. A companhia passou por grandes sanzalas e na berma da estrada crianças negras acenaram-lhes.

Negage não fora atacada. Os edifícios, na sua maioria vivendas com jardins ou armazéns de empresas agrícolas, estavam fortificados. Também aqui havia milícias que faziam incursões às sanzalas e se queixavam da escassez de armas e munições. Os estabelecimentos comerciais estavam abertos. No edifício da Administração havia três prisioneiros.

Os sessenta quilómetros entre Negage e Quicangulo, onde não se viam europeus desde o primeiro dia dos ataques, foram penosos. Começaram a aparecer árvores tombadas a atravancar a estrada e era preciso removê-las, uma a uma, para os veículos passarem. Todos sentiram que estavam a penetrar nos domínios que o inimigo conquistara. Atrás da quietude da paisagem, escondiam-se milhares de olhos que espiavam, milhares de catanas e canhangulos e outras armas prontas.

Os homens da coluna farejavam a morte e eram farejados por ela. Cada um empunhava uma pistola-metralhadora. Soldados de pé não tiravam os olhos do capim alto que vinha até à berma da estrada e que, nalguns pontos, formava um paredão espesso. O adversário podia estar ali, a três metros deles, com a arma apontada, e não ser visto. Se se metessem no capim atrás dele, poderiam ficar quase ao seu lado sem o verem.

O primeiro jipe descarregou quatro rajadas de metralhadora *Breda*, duas à esquerda e duas à direita. Do meio da coluna, o capitão Tolentino gritou:

- O que é que se passa?
- É um aviso, meu capitão – respondeu um dos soldados.
- Só disparam à minha ordem, ouviram?

Nesta zona, as sanzalas estavam destruídas ou abandonadas, os habitantes tinham fugido e ido internar-se no mato. Os militares examinaram a desolação reinante: cubatas incendiadas,

porcos mortos à catanada no meio do terreiro, edifícios de tijolo e telhados de zinco, que deviam ter pertencido a missões religiosas, queimados ou saqueados. Viram um cão morto, amarrado pela trela a uma árvore. Fora esquecido, na precipitação da fuga, e viam-se as marcas na corda que tentara roer.

Retomaram a estrada. Surgiram pontões obstruídos ou arrasados sobre cursos de água. Perdia-se muito tempo a desimpedir o caminho e a imobilidade a que eram obrigados dava uma sensação de vulnerabilidade ainda maior. Os troncos de árvores que só poderiam ser abraçados por vários homens eram desfeitos com explosivos.

Apareceram dois cães perdidos. Sabia-se que pessoas escondidas no mato tinham matado os cães para não serem denunciadas pelos latidos; teriam estes fugido dos próprios donos? Alguns soldados fizeram uma batida, que nada encontrou. Os cães podiam ter feito, sozinhos, centenas de quilómetros e vir de muito longe. Estes dois foram adoptados pelos militares.

A companhia foi sobrevoada por dois aviões da Força Aérea. Os soldados saudaram-nos e os aviões responderam balançando as asas. Na sanzala seguinte, abandonada como as anteriores, o capitão decidiu que parariam para almoçar. Tinham feito dezoito quilómetros em seis horas e retirado mais de duzentas árvores que obstruíam a estrada. Os dois aviões sobrevoaram-nos por mais algum tempo, mas não comunicaram avistamentos de rebeldes.

Prosseguiram. Mais árvores a atravancar a estrada. Os olhos postos no capim, que se movia com o vento e parecia que era por acção de alguém escondido. À tarde aconteceu o que já se esperava: o céu despejou uma quantidade de água que encharcou tudo em poucos minutos e inundou o terreno com bátegas constantes, no meio do ribombar de trovões que ecoavam prolongadamente. Os militares que não encontraram lugar dentro dos veículos envolveram-se em capotes e pensaram que se iam diluir na terra, no meio de tanta lama.

A manhã, como já vinha sendo habitual, trouxe um tempo desanuviado, um ar luminoso, carregado do aroma das flores e das plantas das fazendas. A música dos pássaros celebrava o recomeço do dia e a fertilidade da terra.

Bem cedo retomaram a marcha. Os vinte quilómetros que faltavam até Quicangulo foram vencidos em dez horas, debaixo de um sol que parecia crestar a paisagem. Havia mais árvores derrubadas nestes quilómetros finais do que em todos os anteriores. Ou era o cansaço que o fazia crer?

A um quilómetro da povoação veio ao encontro da companhia uma milícia de dez homens. Armados com caçadeiras, carabinas e velhos revólveres, tinham a barba crescida e roupas sujas. O chefe avançou, enquanto os outros mantinham uma postura de alerta. Era um homem robusto de quase sessenta anos, com um chapéu de *cowboy* e aquilo que pareciam garras de um leão ou de um grande felino penduradas ao pescoço. Passou a caçadeira para a mão esquerda, libertando a direita para apertar a mão ao capitão, e disse, numa voz cava e com um ar sério que contrastavam com o alívio que queria expressar:

– Finalmente vos vemos. Chamo-me Serafim.

Apertou depois a mão ao alferes Capelo, que estava mesmo ao lado do capitão e disfarçou a dor que aquele aperto fortíssimo provocou. O capitão e o alferes ficaram uns segundos a olhar para este homem, que tinha aspecto de ser uma criatura natural do mato.

– Que tal estão vocês aqui? – perguntou Tolentino.

– A povoação foi destruída. Só resta a casa onde nos refugiámos. Mandámos as mulheres e as crianças para o Negage no primeiro dia, quando as hienas já ululavam.

– Quantos são vocês?

– Quarenta. No primeiro dia entrincheirámo-nos numa casa e pedimos a Luanda um bombardeamento aéreo. O caralho do emissor avaria como o caralho, mas de vez em quando lá conseguimos falar e ser ouvidos. Eram milhares à volta da casa. Os

filhos da puta morriam como tordos mas vinham outros para o lugar deles. Foi preciso dois aviões, em dois dias seguidos, descarregarem metralha e bombas para eles se irem esconder no mato. Mas estão aí. Quicangulo está sitiada.

– Aventuraram-se a vir até aqui? Estamos a um quilómetro da povoação.

– Precisamos de sair para ir à água. O poço fica atrás daquelas mulembas.

– Arriscam a vida para virem buscar água? – surpreendeu-se o capitão.

– Tem de ser. Metade vigia e a outra metade carrega os baldes. Não temos água canalizada porque os cabrões arrancaram as tubagens para fazerem canhangulos.

– E o que é que comem?

– Esgotámos as reservas que tínhamos nos primeiros dias e a partir daí só temos o que a avioneta do aeroclube larga aqui em cima ou o que caçamos.

– Têm conseguido caçar?

– Sou caçador profissional há mais de trinta anos – disse Serafim; um esgar de ódio desfigurou-lhe por um segundo o rosto barbudo. – Mas costumava ser de caça grossa. Agora caço galinhas-do-mato. E pretos, claro.

O capitão ficou calado, sem saber o que dizer.

– E vocês? – perguntou Serafim. – O que é que já encontraram?

– Árvores na estrada, pontes destruídas, sanzalas desertas...

– Podem ter a certeza de que eles vos seguem e espiam.

– Tivemos essa impressão.

– Vieram buscar-nos? – perguntou o chefe da milícia.

– Temos de seguir para norte, em articulação com o batalhão. Mas vocês podem vir connosco, se quiserem.

– E os terroristas? Vão deixá-los ficar por aí?

– A nossa prioridade é evacuar civis.

– Vamos continuar aqui encaralhados? – perguntou Serafim, e os seus homens, um pouco mais atrás, pareceram expectantes da resposta do capitão.

– Ou vêm connosco, o que até é bom porque nos reforçam, ou ficam aqui com alguns homens meus. Não posso disponibilizar mais do que cinco ou seis.

– E quando é que essas matas são limpas pelo Exército?

– Só quando chegarem tropas de Lisboa.

– E quando é que vai ser?

– Ainda nem sequer partiram. Podem demorar semanas a chegar aqui.

Serafim fez um novo esgar contrariado, cuspiu para o chão e disse:

– Quando é que esta terra, quando é que todos nós, vamos perceber de uma vez por todas que não podemos contar com Portugal para nada? Cuspo nos gajos de Lisboa. Cuspo no Terreiro do Paço. Que um terramoto dê cabo daquilo tudo outra vez.

Virou costas ao capitão e afastou-se, seguido pelos seus homens. O capitão hesitou, mas nesse momento Serafim, sem se voltar para ele, disse:

– Bem-vindos ao inferno, meus senhores.

5

Os edifícios da povoação tinham os vidros partidos, telhas arrancadas, portas escavacadas, vestígios de incêndio. No meio dos escombros e do entulho avançaram os dez homens da milícia, os cento e vinte da companhia e os cinco fazendeiros que se tinham juntado a eles em Carmona. Serafim, ao lado do capitão e do alferes Capelo, apontou para um ponto entre as árvores que envolviam a povoação:

– Ali enterrámos mais de duzentos. – Indicou um chão de areia solta do outro lado das árvores, a vala comum mal disfarçada. Dados mais cinco passos, apontou outra direcção: – E ali enterrámos os nossos cinco que tombaram.

O capitão e o alferes viram cruzes em cima de cinco sepulturas rasas.

Os militares espreitaram a casa fortificada. Estavam ali os sobreviventes de Quicangulo. A porta estava reforçada por tábuas pregadas. As janelas, entaipadas. Havia andaimes a toda a volta das paredes para se ter acesso a pontos de vigia mais elevados.

A um canto havia um monte de canhangulos e catanas retirados aos atacantes mortos. Capelo nunca tinha visto um canhangulo. Com cabo de madeira e um cano de ferro comprido, carregava-se pela boca com cápsulas fulminantes, chumbo médio ou grosso, pedaços de pregos e de ferragens. O tiro alcançava quarenta metros, com fraca penetração; à queima-roupa ou até vinte metros podia provocar ferimentos dilacerantes. Com ele, os nativos conseguiam caçar elefantes. Já se sabia que a venda de tubos de aço para canalizações domésticas de água seria controlada: adaptados ao fabrico de canhangulos, podiam receber um cartucho de caça de calibre de 12 mm. Um tubo de bicicleta também servia. Fósforos de cera funcionavam como fulminantes. Capelo apreciou algumas catanas, de lâmina curva afiada dos dois lados. O inimigo tinha começado com armas toscas, mas já roubara armas automáticas e munições em fazendas e postos administrativos.

Os homens de Quicangulo, entre pragas e calão grosseiro, crivaram os dois oficiais com perguntas. Deram conselhos sobre como andar no mato. Tinham no rosto as marcas das insónias. Comiam mal havia mais de uma semana. A água que bebiam, recolhida do poço, era conseguida à custa de perigos redobrados. Tinham nas mãos as feridas das culatras das armas e dos punhos das catanas, porque estas também tinham sido adoptadas. As obsoletas *Kropatschek* encravavam ao primeiro tiro, os revólveres e os pistolões já só serviam para peças de museu, as armas dos caçadores eram em número insuficiente e inapropriadas para uma defesa perante milhares de inimigos furiosos e eufóricos. Tiveram de improvisar para quando as munições estivessem esgotadas: encabaram catanas e facas de cozinha na ponta de paus, afiaram espetos, reforçaram mocas com pregos, muniram-se de foices e cabos de picareta.

Pouco numerosos, isolados, cercados, mal armados, tendo visto o que acontecera a amigos, familiares, vizinhos, sabendo o que se passara nas povoações onde os habitantes tinham sido chacinados, entrincheirados numa casa onde resistiram a dois assaltos de milhares de rebeldes, obrigados a vigílias constantes, os nervos tensos e crispados, sem saberem quando e como tudo iria acabar – não aceitavam censuras pelas represálias que já tinham exercido. Esta era uma luta pela sobrevivência.

O alerta, em Quicangulo, fora recebido pelo radiotransmissor do posto administrativo logo na manhã do dia 15 de Março, o primeiro dia da rebelião. Chegavam comunicações via rádio dando conta de grupos de africanos que atacavam fazendas e povoações isoladas. Perto de Quitexe ou Carmona, homens com catanas escondidas nas roupas tinham entrado nas lojas, de manhã cedo, pedindo um artigo que obrigava o comerciante a virar-lhes as costas e golpeando-o até à morte. Pela porta que ligava à parte familiar da casa, chegavam à mulher e aos filhos dos comerciantes. Nas fazendas, os trabalhadores presentes à formatura da manhã traziam o seu principal instrumento de trabalho, a catana. A um sinal combinado, alguns destacaram-se do grupo e mataram em poucos segundos os capatazes. Juntando-se a outros que emergiam das matas, gritando palavras de ordem como «UPA, UPA! Mata, mata!», caíram sobre os trabalhadores fiéis aos patrões.

Nos dias 15 e 16, vagas de atacantes repetiram o procedimento por todo o distrito do Uíge. Na fronteira norte, de Nóqui até à margem do rio Cuango, todos os postos sucumbiam à avalanche dos ataques ou eram abandonados sob ameaça. Sem armas, sem munições, sem possibilidade de auxílio imediato, foi nesses postos fronteiriços que houve mais mortos entre os funcionários administrativos, soldados de um batalhão de caçadores, fazendeiros, capatazes, missionários, polícias, comerciantes. Pelas matas, alguns brancos ainda fugiam, desvairados e sem rumo certo. As regiões sublevadas eram enormes e com acessos difíceis.

O chefe de posto reuniu todos os habitantes e chamou os que estavam nas fazendas. Entre estes últimos apareceu Serafim, o caçador, armado até aos dentes. O chefe informou-os da onda sangrenta que iria chegar a Quicangulo. Uma mensagem via rádio, de uma avioneta civil, deu-lhes a saber que fora avistada uma concentração de rebeldes a caminho da povoação. Juntaram todas as mulheres e crianças em duas carrinhas e enviaram-nas para Negage pela única estrada existente e que já não se podia considerar segura. Os que ficaram transformaram a casa mais sólida da povoação num fortim, com o máximo de alimentos e reservas de água que puderam reunir. O chefe de posto e nove homens, entre os quais Serafim, fizeram uma incursão no mato para avaliarem a ameaça. Separaram-se em dois grupos. Os atacantes caíram em cima do grupo do chefe de posto e chacinaram os cinco, ao mesmo tempo que o grupo de Serafim recuava perante uma avalanche de homens armados de canhangulos e catanas e em grande gritaria. Não foram a tempo de se juntarem aos outros trinta e cinco do fortim, já cercado. Numa extremidade da povoação, protegeram-se atrás do muro de um quintal, reforçado com sacos de ração animal. Ouviam o som de apitos partindo de vários pontos do capim, que deviam ser sinais emitidos pelos líderes rebeldes. Vinham aos gritos, num clamor compassado e repetitivo: «UPA, UPA! Mata, mata!» Os homens do círculo mais próximo de Serafim tinham experiência de caça de palancas, pacaças, elefantes. No seu ponto de defesa improvisado, receberam o impacto de centenas de atacantes. Dizimaram as primeiras filas e viram as outras recuar. Era impossível chegar à casa fortificada. Mantiveram-se atrás do muro do quintal. Não iam poder resistir a muitas vagas como aquela. Ouviam os gritos dos que cercavam a casa. A concentração maior fazia-se aí. Passadas horas, um caça da Força Aérea metralhou os sitiados. Serafim e os quatro companheiros aproveitaram o momento em que o avião, já sem munições, se ia embora e, passando por cima de centenas de cadáveres, foram bater à porta da casa. Quando conseguiram entrar e a porta se fechou atrás deles, outras centenas de atacantes, que tinham recuado para o mato para fugir ao fogo

do avião, já vinham correndo a apertar o cerco, indiferentes aos cadáveres.

Na casa fortificada já os julgavam mortos. Contaram o fim do chefe de posto e dos outros que o seguiam. Caiu a noite. Para pouparem balas, disparavam pela certa. Ouviam os gritos de agonia dos que estavam caídos no chão. Mais distantes, ouviam os sitiados gritar: «UPA, UPA! O branco vai morrer, vai morrer, vai morrer...» Deviam ser cerca de mil os que mantinham o cerco. Era apavorante quando batiam com os pés no chão e lançavam a gritaria a uma só voz.

No dia seguinte apareceu outro avião militar que, como o anterior, gastou todas as munições e provocou grande mortandade. Com este segundo golpe, os rebeldes recuaram para as florestas e não se deixaram ver. Sabendo que Quicangulo estava isolada, com a estrada de acesso cortada por centenas de árvores, sem pista de aterragem de aviões, apostavam em vergar os sitiados, quase sem alimentos nem munições, pela fome. À noite, estes ouviam batuques e cânticos, viam o clarão das fogueiras do acampamento dos rebeldes.

Quando saíram, viram mais de duzentos negros mortos que juncavam as ruas da povoação. Recolheram centena e meia de armas de carregar pela boca, frascos com pólvora e pedaços de ferro que serviam de munição. Os edifícios tinham sido destruídos e saqueados. Viram cinco corpos sem cabeça. Em cima de uma tábua, estavam alinhadas quatro cabeças e um crânio descarnado. Identificaram as cabeças. O crânio limpo e branco só podia ser do chefe de posto. Um trabalho de limpeza digno de um laboratório de Anatomia.

Deram uma sepultura individual aos únicos mortos que lamentavam, que eram estes cinco. Quanto aos corpos dos rebeldes, atiraram-nos para uma vala comum. Entre estes havia alguns moribundos, que foram enterrados vivos.

Desde esse dia, continuaram a viver no fortim, o único edifício que dava garantias de resistir. Iam para o mato, em pequenos grupos que se revezavam para caçar e ir buscar a água. Os mais sensatos procuravam contactar as populações nativas para

restabelecer a confiança e tornar a sua própria posição mais vantajosa. Já tinham sido sobrevoados duas vezes por uma avio-
neta que largara víveres e munições.

Os militares eram aguardados para, com forças bem apetrechadas, se dar o golpe definitivo aos rebeldes – a desejada grande caça ao negro. Mas foi com um sentimento de decepção que os homens de Quicangulo perceberam que a companhia do capitão Tolentino teria de prosseguir.

6

Capelo viu três militares que se entretinham a fazer tiro ao alvo em latas de conservas vazias, alinhadas sobre um tronco tombado. Aproximou-se e ficou a ver o divertimento de feira.

Um dos habitantes de Quicangulo perguntou a Capelo se confiavam nos negros que integravam a companhia.

– Têm a certeza de que não vos cortam o pescoço quando vão dormir?

– Garanto-lhe que são de confiança – disse Capelo. – Estão integrados no Exército e enquadrados por nós.

– Integrados, pois... – murmurou o outro. – Nós achávamos que os nossos pretos estavam bem integrados e veja o que aconteceu.

– Também foram assassinados milhares de negros – disse Capelo. – Os bailundos, por exemplo, que trabalhavam nas plantações.

– É tudo a mesma porcaria, alferes – disse o homem, com uma careta. – Tudo igual... Está aí um que fugiu da fazenda e viu criados com muitos anos de casa assassinares os patrões e os filhos. Criados que se dizia que eram de confiança, que tinham andado com os filhos do patrão ao colo. Antes dos ataques, muitos negros desapareceram das fazendas onde trabalhavam. Foram juntar-se aos rebeldes, de certeza. Houve um pico de vendas de catanas, que não levantou suspeitas. Vi criados a afiá-las. Disseram que eram para o caso de o patrão mandar

abrir a mata ou capinar. Veja aonde levou a filha da puta da confiança.

Capelo sentiu-se no dever de replicar:

– Em Carmona conheci fazendeiros que foram avisados pelos criados e tiveram tempo de fugir. E houve patrões que não acreditaram nos criados e os repreenderam por estarem a alarmá-los sem razão.

O outro ficou a olhar para ele com olhos febris, de insónia e pesadelo. Mas venceu a convicção que já tinha formado: todos os pretos são iguais e nenhum é de confiança. E, para confirmar esta posição de princípio, lançou um ruidoso escarro para o chão, que caiu perto das próprias botas.

Serafim, o caçador profissional, forneceu algumas informações ao comandante da companhia:

– Convém que tenha uma ideia daquilo com que nós nos confrontamos aqui. Os feiticeiros têm um papel importante. Dão aos homens o milongo da coragem.

– O que é isso? – perguntou o capitão Tolentino. – Desculpe-me a ignorância, mas eu, até há pouco tempo, de África só conhecia o asfalto de Luanda.

– Milongo é feitiço. Os feiticeiros deram aos homens uma bebida drogada, à base de liamba, para só verem sangue e vermelho à frente deles. Disseram-lhes que o deus dos brancos tinha morrido e por isso os brancos já não tinham força e iam fugir no mar. Bastaria matar alguns e os outros todos fugiriam, como no Congo Belga. O feitiço fazia com que a vida não saísse pelos buracos das balas, se eles fossem baleados. E convenceram-nos de que as nossas balas são *maza*, que quer dizer água. Por isso é que eles atacam aos gritos de «Maza! Maza!» Pensam que as armas dos brancos só disparam água. Mas acho que já lhes mostrámos que não estamos no Carnaval.

– Como é que sabe isso tudo?

– Temos as nossas fontes... – disse Serafim. – Os feiticeiros sabem persuadir os seus recrutas. Disparam contra si próprios espingardas de pressão que só fazem barulho e dizem que estão imunes às balas e que os que caírem mortos ressuscitarão ao

terceiro dia. Os espíritos voltam para os corpos, se os corpos estiverem inteiros. Por isso é que retalham os corpos dos brancos, cortam cabeças, braços, pernas, para os espíritos não voltarem.

– A propósito... – disse o capitão. – Quais são as vossas fontes?

– Os tipos que prendemos. Os feiticeiros disseram-lhes para cortarem as cabeças dos brancos mortos para não ressuscitem. Tudo para que fizessem as coisas mais horrendas. Acharam que quem sobrevivesse fugiria de tanto horror. Agora veja o nosso lado... Eles continuam a atacar por cima dos que caem mortos porque acham que vão ressuscitar. E são vagas atrás de vagas. E nós sem munições. Se eles soubessem que morrem mesmo, recuavam logo aos primeiros tiros...

– Espere aí – interrompeu o capitão. – Disse que têm aí prisioneiros? Não me mostrou os prisioneiros.

– Eu não disse que temos prisioneiros.

– Disse que...

– Capitão, eu disse que fizemos prisioneiros. Não disse que os temos.

– Mostre-me os prisioneiros – disse o capitão, empertigando-se. – É preciso mandá-los para Luanda, para a PIDE lhes sacar informações.

– Como eu disse, capitão, não temos prisioneiros – repetiu Serafim, parecendo divertir-se com a confusão do capitão.

– Os nossos prisioneiros estão ali, ao pé dos outros todos – e apontou para a vala comum onde tinham enterrado os rebeldes mortos.

O capitão perscrutou o rosto inflexível de Serafim.

– Agradeço as informações que me deu – disse –, mas devia ter mantido os prisioneiros vivos. Sabe-se lá o que mais se poderia obter deles.

– Não se ia obter mais coisa nenhuma. A PIDE não tem métodos melhores do que os nossos para os pôr a falar. E como é que acha que nós íamos conviver com prisioneiros tão perto de nós, sabendo o que eles fizeram às pessoas que nos eram queridas? Há aqui gente que, antes de conseguir fugir, viu irmãos e filhos e pais serem esquartejados, violados e estripados. Não são

humanos, são bestas indignas de viver. Pilham, estupram, entregam-se aos instintos desenfreados, ajudados pela droga. Só têm medo dos feiticeiros. Guardar prisioneiros? Aqui? Nestas condições? Nem pensar.

A meio da tarde, uma avioneta de um aeroclube do Negage veio largar alguns pacotes com comida, medicamentos e munições. Fez pontaria para a copa das árvores mais próximas, para amortecer a queda, e, dando meia volta, recebendo lá de baixo os acenos dos militares e dos civis, foi-se embora. Um dos homens disse:

– Uma vez, os pacotes caíram longe demais para os recuperarmos. Depois, espatifou-se muita coisa no chão. Agora caiu nas árvores, pode ser que esteja tudo intacto.

A companhia tinha de conservar forças suficientes para, mais adiante, se desdobrar em destacamentos mais pequenos. Tolentino, perante a decisão dos sitiados de continuarem ali, nomeou um cabo e cinco soldados para se juntarem a eles.

Quando as viaturas estavam a arrancar, Serafim disse ao capitão:

– Não conhece África, pois não? Lamento informá-lo de que as coisas vão piorar. Ainda estamos na estação das chuvas. Há caminhos intransitáveis. Quando as forças enviadas por Lisboa chegarem, vão ficar atascadas na lama, que é para aprenderem a fazer as coisas como deve ser. O pior é que quem se vai lixar somos nós.

Alguns soldados deram por falta dos dois cães adoptados na estrada para Quicangulo. Assobiaram. Ouviram-se uns latidos. Encontraram os cães a disputar um braço humano que emergia da vala comum dos rebeldes, que os animais tinham esgaravado.

Serafim, que vinha logo atrás, disse:

– É um dos enterrados que faz adeus à companhia que está de partida.

Houve gargalhadas grotescas. Como despedida de Quicangulo e dos seus homens, não podia haver sinal mais expressivo, tanto da parte dos que estavam debaixo da terra como dos que ainda estavam por cima dela.

A partir de Quicangulo, tornaram-se mais frequentes os sinais das depredações, a desolação, a par de um sentimento crescente de ameaça. Quanto mais longe de Luanda, mais perto do inimigo, esse inimigo móvel, escondido, que, desde que tinham deixado Negage, se podia dizer que estava por toda a parte.

Os militares ora viam sucederem-se serranias e declives escarpados, onde espreitavam grutas com estalactites, ora afundavam as botas num labirinto de rios e ribeiros encimados por túneis e galerias de selva espessa. E seria assim até onde avançassem, até à fronteira norte, por veredas só conhecidas dos nativos. A terra vermelha estava em muitos pontos enlameada, levantava-se um pé enquanto o outro se afundava na papa.

Perto da estrada que continuava, e que ia ter a Damba, a Maquela do Zombo e à fronteira, a companhia encontrou, na fazenda Felicidade, os primeiros mortos. Nas fazendas anteriores, os donos e os trabalhadores tinham fugido a tempo. Logo à entrada, o portão estava encimado por cabeças de bairlandos espetadas em varas. No terreiro de secagem do café, viram porcos a foçar em cadáveres. Afugentaram os animais com rajadas de metralhadora. Dava para reconhecer, apesar de desfigurados, aqueles que deviam ser o pai, a mãe, os filhos. Mais afastados, os criados. Adultos e crianças tinham a carne retalhada e os ossos dos braços e das pernas partidos por golpes de catanas. Dentro de casa, o que não fora levado estava destruído: portas arrombadas, móveis partidos, vinho derramado, papéis e documentos espalhados no chão. Havia mais corpos, sangue nas paredes. Mulheres com os seios cortados, meninas de dez anos despidas, violadas e esventradas, bebês esquartejados dentro de alcofas; a um deles faltavam os pés e as mãos, talvez levados como troféus.

Tudo vandalizado nos armazéns, nas cantinas, nos acampamentos dos empregados. Uma bomba de gasolina destruída. Duas carrinhas amolgadas e sujas de sangue. Três cabras vagueavam por ali. Havia campos de café já invadidos por capim.

Os militares enterraram os corpos em covas na orla do terreno da fazenda, assinaladas com legendas explicativas. Fotografaram os cadáveres na posição encontrada e também as sepulturas.

O capitão Tolentino decidiu estabelecer o comando da companhia na fazenda Felicidade, de onde destacaria pelotões ao encontro de postos administrativos e outras fazendas. Nos dias seguintes, prenderam muitos africanos, apontados como terroristas pelos fazendeiros. Bastava a desconfiança, não havia inquéritos ou averiguações. Amontoavam-nos numa cadeia improvisada num dos edifícios da fazenda Felicidade. Em pouco tempo, a cadeia não tinha mais espaço e o capitão determinou que, regularmente, camiões de caixa aberta, com alguns prisioneiros de mãos amarradas atrás das costas, escoltados por soldados, partissem dos edifícios centrais da fazenda e se dirigissem para uma plantação a dois quilómetros dali, onde os prisioneiros eram alinhados junto de valas já abertas e abatidos com rajadas de metralhadora. Dois deles tinham a tarefa de amontoar os cadáveres dentro das valas e, no fim, também esses eram abatidos e empurrados lá para dentro. Criados fiéis das plantações eram encarregados de tapar tudo com areia. Havia soldados que riam enquanto assistiam e tiravam fotografias para os seus álbuns pessoais. Alguns chegaram a pôr meio corpo dentro da vala e, de arma aperrada, fizeram-se fotografar nessa posição, junto dos mortos. Capelo ouviu falar de prisioneiros que estavam vivos quando os cobriam com pazadas de terra.

Nada como aprender com a experiência. O capitão determinou que, nos fuzilamentos seguintes, os corpos não deveriam ser atirados para a vala por dois prisioneiros que depois seriam abatidos, porque isso era cruel, nem por criados fiéis, porque poderia desmoralizá-los; seria usada uma retroescavadora que empurrasse os corpos. Não somos torturadores nem selvagens, queria dizer o capitão. Há que tomar medidas administrativas que regulem estas coisas e as máquinas existem para nos ajudar.

